

Murilo Mendes: poesia e fé

Murilo Mendes: poetry and faith

*Marcos Aparecido Lopes**

Resumo

O poema “Vida de Mármore”, de Murilo Mendes, contém as três categorias básicas para a sensibilidade do homem religioso: mundo, tempo e eternidade. Proponho comentar o poema com o objetivo de pensar a relação entre poesia e fé.

Palavras-chave: Murilo Mendes; Catolicismo; Fé.

Abstract

Murilo Mendes' poem "Vida de Mármore" (Life of Marble) contains three basic categories to the sensibility of the religious man: world, time and eternity. I propose to comment on this poem in order to think about the relationship between poetry and faith.

Keywords: Murilo Mendes; Catholicism; Faith.

VIDA DE MÁRMORE

A estátua muda a camisa na praça deserta.
Arcanjos violentos surgem do fundo dos minutos,
carregam tua vontade para o outro lado do mundo.
Amor preguiça deserto revolução amor,
tudo passa tudo se reduz a eternidade de olhares,
tudo passa menos a memória da bem-amada.

Tudo se reduz a uma eternidade de contactos.
O amor passa menos a memória da bem-amada.
Meus pensamentos eternos ficaram à superfície do teu corpo.
Toda a realidade do mundo é provisória, o mundo é provisório.
Tudo se reduz a eternidade de preguiça e de olhares.
A estátua mudou de camisa e se acalma na praça deserta.
(Mendes, 1994, p. 106)

* Doutor em Teoria e História Literária pela UNICAMP, onde é professor do Instituto de Estudos da Linguagem, Departamento de Teoria Literária. Email: marcoslopes@iel.unicamp.br

1. O abismo do tempo e o instante poético

No primeiro verso de “Vida de mármore”, poema do livro de estreia de Murilo Mendes (*Poesias*, 1930), encontra-se enunciada uma ação impossível: “Uma estátua muda a camisa na praça deserta”. É claro que para a imaginação poética, marcada pela dicção surrealista, a ação é perfeitamente aceitável, do mesmo modo que é verossímil que arcanjos violentos surjam do fundo dos minutos, e não do fundo da eternidade. Um verso poético não é uma proposição sujeita ao teste de verificação da realidade empírica, como quando alguém diz, ao se dirigir a um possível interlocutor, que apanhe, por exemplo, uma camisa deixada no armário e a vista. Em uma situação de comunicação, o receptor da mensagem poderá conferir se a camisa de fato está no armário ou simplesmente recusará a solicitação. Diferente é a situação do leitor, ao acompanhar o nascimento de um mundo de sinais trocados nos versos murilianos. O procedimento do primeiro verso instaura uma lógica interna ao poema e faz perceber ou acreditar que o que pertence à ordem da eternidade, portanto subtraído à temporalidade, é colado ao carnal e ao sensível da existência (“tudo se reduz a uma eternidade de contatos”).

Transita-se assim da eternidade ao tempo, e vice-versa, por cortes abruptos, como no ato inusitado de uma estátua que muda a camisa. Aliás, a imagem inicial do poema inscreve-se perfeitamente em uma estética do choque, isto é, uma violência desorganizadora do modo habitual de percepção da realidade é propositalmente inoculada no conjunto dos versos. Se o leitor permanecesse em uma oposição esquemática, pensaria que a questão decisiva desse poema de Murilo Mendes é a passagem do repouso ao movimento e deste ao repouso, perfazendo um circuito completo, estabelecido, aliás, pelo verbo inicial no presente do indicativo (“a estátua *muda*”) e o final no pretérito perfeito (“a estátua *mudou*”). Por uma espécie de esforço imaginativo, o leitor chegaria à conclusão de que, no fundo, a estátua seria apenas alegoria de um saber cifrado e visionário. Saber cifrado de uma verdade que se deixa insinuar nas malhas da palavra “amor”.

Todavia, caso o título faça jus ao espírito do poema, a exegese dos versos solicita uma tarefa um pouco mais ambiciosa. Refiro-me a uma oposição não de caráter esquemático, mas dialética, que articularia o conjunto do poema. De um

lado, o suposto eu lírico, deslocado daquilo que lhe é fundamental – a sua vontade carregada para o outro lado do mundo – está fragmentado entre o ato de elocução e uma vontade exilada. De outro lado, o eu lírico manifesta-se assertivamente e visa à totalidade de um saber de corte universal, ainda que proveniente de uma situação singular, nas seguintes expressões:

- a) Verso 05: “tudo passa...” e “tudo se reduz”;
- b) Verso 06 : “tudo passa menos a memória da bem amada”
- c) Verso 07: “tudo se reduz”
- d) Verso 10: “toda a realidade”
- e) Verso 11: “tudo se reduz a eternidade”

Depreendo das asserções acima que no tempo todas as coisas são mudáveis (passáveis), exceto a memória da bem amada. O tempo destrói todas as coisas e reduz, em última instância, tudo a eternidade de contatos e eternidade de olhares. Mas se eternidade implica algo alheio ao estatuto devorador do tempo, em contrapartida o que subsiste são olhares (a visibilidade) e contatos (o tato). Dois sentidos são convocados para pensar o que subsiste. E, de fato, não serão os olhares e os contatos o que constitui a memória da bem amada?

O poema, não sendo uma estátua de mármore, parece ser o registro aparentemente tumultuado de uma vida imaginada no papel. Entre a concretude do mármore, esculpida na estátua/sujeito/agente, e o eu lírico, que diz assertivamente que tudo passa, menos a memória da bem amada, coloca-se o abismo de uma temporalidade pensada a partir do instante, do fragmento abrupto e da irrupção de algo que desorganiza a forma impassível da estátua, mesmo que ao final ela se acalme ou se pacifique.

2. Paixão pela verdade, encanto pelo sensível

Algumas perguntas resistem, mesmo após este esboço de comentário: Por que vida de mármore? Como é possível afirmar que tudo passa, exceto a memória da bem amada? Seria tal afirmação um ato de fé, enunciação que não deixa de ser um ato de esperança? Estaria a categoria mundo filtrada por uma sensibilidade religiosa?¹

Sem querer exaurir o núcleo provocador de tais questões, mas fazendo delas uma transição para uma discussão sobre poesia e fé em Murilo Mendes, cabe pensá-las a partir da ordem em que aparecem os poemas no interior do livro *Poesias* (1930). Se devo pensar a unidade do poema na relação constitutiva dos seus versos, deveria, de modo semelhante, entender a unidade do livro na relação constitutiva dos poemas. Compreender as duas unidades (a relação constitutiva dos versos no poema e dos poemas no livro), contribuiria para uma possível resposta às questões acima.

Entretanto, a tarefa excede os propósitos deste estudo. Caberia destacar três categorias cruciais para o pensamento cristão, presentes em “Vida de mármore”: tempo, eternidade e mundo. Elas delineiam o horizonte de especulação desse pensamento. Trata-se de situar o lugar e o sentido do homem no conjunto da criação ou dos seres. Exilado no mundo, destinado à pátria verdadeira, tal homem poderá dizer, como o eu lírico do poema “O homem, a luta e a eternidade”, as seguintes palavras:

“Um dia a morte devolverá meu corpo, // estes olhos verão a luz da perfeição // e não haverá mais tempo.” (Mendes, 1994, p. 108)

Nota-se, a partir dos versos acima, a presença de uma intenção escatológica visada em uma luta dramática do homem com o seu tempo. É que o cristianismo concebe o agir humano de um modo dramático, tanto por conduzir à salvação, como por condenar à danação eterna. Um cristão quer, antes de transformar e converter o mundo, operar uma mudança em si mesmo. A ação apostólica encena o lugar do *homo viator* e confirma a cisão irrevogável entre esse e o mundo, conclamando-o ainda à universalidade da missão apostólica e à espera paciente do fim dos tempos. Dufrene, a propósito da ode pindárica, e num instigante contraponto ao cristianismo, diz: “a espiritualidade de Píndaro, diríamos nós, não consiste numa intenção escatológica, mas na glorificação dessa vida” (Dufrene, 2004, p. 241). Se para o homem grego o mundo é um espetáculo a ser celebrado, para o cristão o mundo é um vale de lágrimas. Obviamente não se trata aqui de afirmar que, na poesia de Murilo de Mendes, a preocupação com o humano, tal como se delineia em muitos de seus poemas, seja um vestibulo para esse tipo de espiritualidade. Mas é preciso reconhecer que a espiritualidade cristã encontra seu sentido na intenção escatológica, o que implica que uma poesia cristã, se for possível e pertinente o adjetivo, mede o

valor do seu tempo pela escala teleológica do curso da história ou pela irrupção abrupta do apocalipse. Entre a duração da história da salvação e o instante escatológico e apocalíptico, a poesia de extração religiosa seria a serva humilde ao elaborar as categorias de pensamento religioso e ao se compreender como expressão subordinada à regra de ouro da caridade, razão de ser da comunidade dos fiéis.

Se tais raciocínios procedem, dois conceitos se juntam às três categorias mencionadas (tempo, eternidade e mundo). De um lado, o conceito de intenção escatológica deve presidir a descrição de um dos níveis dos poemas de Murilo Mendes. Por outro lado, o conceito de redenção, conteúdo determinante da ideia de escatologia, faz convergir a hermenêutica do poema para a apreensão de toda realidade sensível.

O “encanto pelo sensível”, expressão de Auerbach (1998) para definir o modo como a realidade é representada em Homero, convive em Murilo Mendes com a paixão pela verdade. Penso que a essa altura já seja possível formular o seguinte raciocínio, que eu diria ser o núcleo duro das minhas considerações: o que é capaz de fazer permanecer a memória, se não a potência cognitiva que habita em cada imagem poética, sinal inequívoco de uma esperança, lugar invisível e tempo futuro? Por um lado, há em cada imagem criada a esperança de uma redenção dos seres; por outro lado, é indubitável que cada *imago mundi* não deixa de ser um atestado de óbito, pois nos dá a consciência da vacuidade dos seres diante da onipotência divina. Todavia, incrustado no ato poético há um paradoxo fenomenal: reconhecendo a mortalidade dos seres, cada ato poético é a encarnação de uma esperança, a de que o que foi visto permaneça. Mas permaneça em qual condição? Como repetição ou fixação de um sentido? Se não houvesse a expectativa de uma temporalidade radicalmente diversa da experimentada no presente, ou de uma alteridade autêntica, para quê se perderia tempo registrando o que está condenado a desaparecer? É a diferença do tempo por vir que, ao transtornar a permanência de uma identidade entendida como mesmidade, obriga já no presente da enunciação poética essa consciência radical do mundo em movimento: “toda a realidade do mundo é provisória. O mundo é provisório” (Mendes, 1994, p. 106).

3. Ascese (o lugar mais alto do mundo)

Do bloco bruto do mármore, o escultor fixa e desenha com o movimento das mãos a figura e a forma. A pedra esculpida é memória desse movimento ou encarnação da ideia que presidiu o trabalho artesanal; ideia tornada sensível e recondução do diverso da existência à unidade da forma. Estável e menos precívél, a estátua, que emerge do bloco de pedra, apresenta um paradoxo: porque ela é imóvel, pode evocar o movimento ou ser inscrição de um movimento. A brutalidade do tempo e da pedra é disciplinada pela técnica. Contudo, no poema de Murilo Mendes, formado por dois blocos simétricos de estrofes, a estátua é movimento (“A estátua muda a camisa na praça deserta”); o eterno cola-se ao tempo e ao corpo da bem amada. À simetria exterior dos blocos de estrofes opõe-se o tumulto interior das sensações inscrito nos verbos de movimento: mudar, surgir, carregar e passar. Nota-se um jogo bastante incisivo entre as ideias de movimento e repouso, multidão e deserto, permanência e passagem, tempo e eternidade. O tumulto dos afetos e a provisoriedade de tudo quanto existe no mundo encontram guarida em uma forma poética que tensiona, de um modo enigmático, os polos decisivos da existência humana.

Em que pese a evocação das paisagens pictóricas de De Chirico, principalmente daquelas pinturas em que estátuas povoam praças desertas, devo registrar que no poema “Vida de Mármore” o mais decisivo não é captado no diálogo com as artes visuais, mas na composição que esse elemento estabelece com o repertório de noções do cristianismo. Diria, portanto, que se o mundo visível é matéria precípua para a sensibilidade do poeta (basta o leitor atentar para a recorrência das expressões nos poemas que sucedem “Vida de Mármore”: “formas exteriores” e “imagens exteriores” que sitiam o poeta, atormentando-o), não menos importante, para retomar um comentário feito anteriormente, é a paixão pela verdade ou a confissão dessa verdade de cunho moral.

O eu lírico deseja a salvação ou tem fé na sua possibilidade. Evidentemente, esse desejo é atravessado por vários conflitos que se intensificam nas partes finais do livro *Poesias* e que conferem ao “catolicismo” de Murilo Mendes, se catolicismo houver, uma feição autenticamente heterodoxa. A ascese cristã, que propiciaria a libertação da carne e prepararia o advento do homem novo, é frustrada no apego do poeta à matéria mundana. Nem o espírito, nem os anjos são mediações suficientes para apagar as máculas do pecado original ou

afastar a imagem do corpo desejado. Pelo contrário, eles acentuam as tentações da carne, ao transportarem o eu lírico para o lugar mais alto do mundo. A elevação espiritual intensifica o vínculo inexorável entre desejo e pensamento nos versos de Murilo Mendes ou repõe a tensão dialética entre corpo e espírito:

TENTAÇÕES PARALELAS

O espírito me transporta a um lugar muito alto,
me mostra teu corpo decotado.
Matar aquele homem,
Caminhar na extensão morena do teu corpo!
Os anjos me transportam ao lugar mais alto do mundo
e me mostram só tua cabeça decotada pensando em mim.
(Mendes, 1994, p. 121)

Referências

AUERBACH, Erich. *Mimesis*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DUFRENNE, Mikel. *Estética e filosofia*. 3ª ed. Trad. Roberto Figurelli. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.

¹ “Vida de Mármore” pertence ao livro de estreia de Murilo Mendes, *Poesias*, publicado em 1930. Este livro abarcaria um conjunto de poemas escritos entre 1925 e 1929, dividido em seis partes e contendo cada uma delas um título; o poema em questão encontra-se na terceira parte intitulada “Máquina de sofrer”. Um comentário dos organizadores da edição da *Poesia Completa e Prosa*, de Murilo Mendes, coloca nos devidos termos a importância desse primeiro livro do poeta mineiro: “O livro (*Poesias*) contém *in nuce* todos os temas e todas as sugestões da futura poesia de MM: as luzes e as sombras, as imagens que evocam quadros de Chagal, ou praças de De Chirico. Mas revela sobretudo a fé do poeta num futuro de libertação e de harmonia: ‘Nascerei em outras terras, com olhos novos. Deixarei minhas partes inferiores, as partes do Diabo’ “ (Mendes, 1994, p. 1605).

Recebido em 06/09/2012, avaliado em 01/11/2012, aceito para publicação em 21/12/2012.